

# Do corpo e da causa: pontuações sobre a práxis psicanalítica

Ana Paula Lacorte Giansi

O seminário *Mais, ainda* de Lacan nos auxilia a pensar o corpo em seus registros real, simbólico e imaginário. Ele relacionou ali o corpo às vestes — o corpo imaginário; à *corpse* (cadáver) — o corpo simbólico; e apresentou-nos o real do corpo enquanto o **mistério**, o mistério do corpo falante. Conforme Lacan: “o real é o mistério do corpo falante”.<sup>1</sup> O corpo fora posto, então, enquanto sede de gozo. E o corpo esteve e está fortemente em causa na clínica psicanalítica.

Percorrendo a obra lacaniana, podemos acompanhar que em seu texto *Estádio do espelho como formador da função do eu*, Lacan<sup>2</sup> nos havia indicado o que seria o corpo enquanto imaginário. O corpo imagem, o eu-imagem, aquele apreendido no movimento que vai da insuficiência à precipitação. E, mais tarde em sua obra, notamos os desdobramentos deste corpo imaginário em denominações como: o corpo vestes, o corpo pele, o corpo casca, o corpo saco, o corpo pote. Em *O Seminário*, livro 10: *A angústia*<sup>3</sup> ele teceu articulações e contraposições entre este corpo imaginário e o real do corpo, a carne, o objeto *a*. Novamente em seu *Mais, ainda* Lacan estabeleceu correlação entre o hábito, a vestimenta e o resto, o objeto pequeno *a* causa de desejo. Ele asseverou: “o que há sob o hábito, e que chamamos de corpo, talvez seja apenas esse resto que chamo de objeto *a*”, e “o que faz aguentar-se a imagem é um resto”.<sup>4</sup> No seminário sobre o *Sinthoma*, Lacan retomou a articulação entre o imaginário e o real e nos apontou a homogeneidade existente entre os dois registros, afirmando-nos que o corpo enquanto saco, enquanto saco vazio “só é imaginável pela ex-sistência e pela consistência que o corpo tem, de ser pote”. E, ainda, que seria preciso uma apreensão tanto da consistência como da ex-sistência como reais, afinal, diz ele, “apreendê-las é o real”.<sup>5</sup>

No que toca justamente corpo e clínica, já no seminário sobre a *A angústia*, Lacan nos trouxe uma importante passagem para pensarmos as implicações, em nossa práxis, de um ponto clínico bastante preciso: quando se desliga do corpo a imagem, a imagem especular, e assiste-se sua redução a um estado cedível, a pedaços de corpo. Do corpo imagem, invólucro e pele ao corpo real, carne,

<sup>1</sup> Lacan, *O Seminário*, livro 20: *Mais, ainda* (1972-73/1985, p.178).

<sup>2</sup> Lacan (1949/1998).

<sup>3</sup> Lacan (1962-63/2005).

<sup>4</sup> Lacan (1962-63/2005).

<sup>5</sup> Lacan, *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma* (1975-76/2007, p.19).

objeto *a*. Isso conota o choque e o horror diante do aparecimento repentino do objeto *a* lá onde se poderia esperar *i(a)*, ou onde habitualmente encontrava-se  $-\varphi$  (objeto do desejo, objeto imaginário). Do corpo imagem ao real do corpo, muitas vezes não sem uma bordadura simbólica. No lugar das vestes, da casca, do corpo pele, de *i(a)*, têm-se o osso, a carne. No lugar do corpo imaginário, o corpo real. Eis a abertura da angústia. Localizariamo-nos, desta feita, diante do *Unheimlich*, do estranho freudiano. Diante de um ponto da estranheza, ponto no qual tantas vezes assistimos a oscilação da série fálica e a emergência de significantes enigmáticos. E isto, Lacan asseverou, possuiria uma estreita relação com a causa. Ele ainda afirmou que se quisermos procurar a causa devemos situá-la na abertura da angústia. Haveria, portanto, uma íntima articulação entre a angústia, a causa e o real do corpo. Mais tarde, em *A terceira*, Lacan nos diz, sobre a angústia — “esse sentimento que surge da suspeita que nos ocorre de nos reduzirmos ao nosso corpo”.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Lacan, *A terceira* (1974).

Ainda sobre o corpo e seus registros, Lacan, em *Radiofonia*, discorreu sobre o corpo do simbólico e nos deixou pistas sobre o corpo enquanto real. Ele o afirmou claramente: o corpo do simbólico é um primeiro corpo. É um corpo levado a sério, à série significativa, e que comporta “a marca adequada para situá-lo numa sequência de significantes”.<sup>7</sup> É um corpo incorpóreo, um corpo que se incorpora. E então ele diz sobre aquilo que poderíamos designar como o real do corpo: “mas é incorporada que a estrutura faz o afeto (...) afeto a ser tomado apenas a partir do que se articula do ser”.<sup>8</sup> E sabemos que o afeto de que se trata é a angústia. Igualmente, dizemos que a referência ao ser aponta o objeto. Aproximar-nos-íamos, enfim, do corpo real e articularíamos este corpo à carne e ao conjunto vazio das ossadas. Carne e osso nos trazem de volta o objeto *a* enquanto este irreduzível, esvaziado e evacuado em uma análise. Conforme Lacan dissera em *O Sinthoma*, o objeto *a* é um “ossobjeto”.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Lacan, *Radiofonia* (1970/2003, p.407).

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 406.

<sup>9</sup> *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma*, op. cit., p. 141.

Uma importante consideração sobre a causa pode aqui ser evocada, isto com o intuito de elucidarmos o que Lacan designou por corpo do simbólico. Note-se que esta remonta-nos aos estoicos. Em uma revisão crítica da lógica aristotélica, os estoicos propuseram, por seu materialismo, uma lógica que comportasse uma “lacuna radical entre o processo gerador e seu sentido-efeito imaterial”.<sup>10</sup> Para os estoicos a causa é material, corpo. A matéria referir-se-ia, justamente, a uma ligação coesa de causas. Uma ligação coesa entre corpos, portanto. Os efeitos, porém, seriam incorpóreos e não possuiriam relação direta (ou mecânica) com tais causas. Tal relação causal seria, então, estéril, causalmente estéril. Os incorpóreos, que aparecem ainda como predicados — os exemplos relativos ao *Lékton* (o significado, o dizível) são muitos —, não seriam causados mecanicamente por uma entidade corporal.

<sup>10</sup> Zizek, *Le devenir-lacanian de Deleuze* (2004, p. 21).

Pois bem, Lacan, em *Radiofonia* foi bastante preciso quando fez referência a este incorpóreo. Ali, ele sustentou que o incorpóreo seria o modo como o simbólico teria “a ver com o corpo”.<sup>11</sup> O incorpóreo, o primeiro corpo, o corpo como Outro, o corpo do simbólico, é o que funda o corpo pela incorporação. E desde esta incorporação, o incorpóreo não cessa de ficar marcando este Outro. Acompanhemos Lacan:

Nada senão ele isola o corpo, a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apoia não sabe que é a linguagem que lho confere, a tal ponto que ele não existiria, se não pudesse falar.<sup>12</sup>

Lacan segue dizendo que “o primeiro corpo faz o segundo, por se incorporar nele”.<sup>13</sup> E parece ser neste sentido que Colette Soler afirma que o corpo incorpóreo do simbólico dá aos sujeitos um corpo, fabrica-o para eles. Ela ainda justifica o uso do termo corpo para designar o simbólico indicando-nos que “o simbólico é corpo na medida em que seus elementos estão coordenados num sistema de relações internas”.<sup>14</sup>

Ainda em relação ao incorpóreo, então tomado como *Lékton* (significado – efeito), não deixa de ser interessante a retomada que Lacan faz da linguística em seu *Mais, ainda* no ponto em que propõe uma distinção entre o que se lê e o que se ouve. Ele o diz:

O significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante.<sup>15</sup>

Seguindo com nosso incorpóreo, podemos reafirmar que o corpo colonizado pelo significante é um corpo *corpificado* pela linguagem e, nesta direção, voltarmos ao texto de Soler, quando ela afirma que a tomada significante “captura o vivente ao inscrevê-lo como já morto”,<sup>16</sup> ou, conforme asseverou Lacan, no ser falante, quanto ao corpo, “é secundário que ele esteja vivo ou morto”.<sup>17</sup> O cadáver (*corpse*), na sepultura, preserva este corpo habitado pela linguagem e nos mostra a dimensão desta linguagem em um além da vida. A dimensão de um corpo falado.

Pois bem, deste efeito, vale lembrar, o corpo do simbólico, temos o corpo marcado e a marca nos traz para a discussão o Um do significante. O traço que, como bem disse Colette Soler, permitirá distinguir o corpo “quer seja para contá-lo, quer seja para erotizá-lo”.<sup>18</sup> Lacan não cessou de insistir que a causa primeira do sujeito é o significante. Teríamos conosco, em uma série invertida efeito e causa, respectivamente, A e S1.

<sup>11</sup> *Radiofonia*, op. cit., p. 406.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 406.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 406.

<sup>14</sup> Soler, *A psicanálise e o corpo no ensino de Jacques Lacan* (2010, p.71).

<sup>15</sup> *O seminário*, livro 20: *Mais ainda*, op. cit., p.47.

<sup>16</sup> *A psicanálise e o corpo no ensino de Jacques Lacan*, op. cit., p.73.

<sup>17</sup> *Radiofonia*, op. cit., p.406.

<sup>18</sup> *A psicanálise e o corpo no ensino de Jacques Lacan*, op. cit., p.75.

Caso nos lembremos da articulação que Lacan fez entre S1 e S2 no par ordenado em seu seminário *De um Outro ao outro*, com a seguinte escrita:  $\{\{S1\},\{S1, S2\}\}$ <sup>19</sup>, bem como de sua retomada no final de *Mais, ainda*, S1 (S1 (S1 (S1 – S2)))<sup>20</sup>, diríamos, enfim, que o corpo do simbólico, este efeito, é isto que ao se incorporar fica marcando, enquanto o S2 do par ( $\{S1, S2\}$  que Lacan substitui por A), fica marcando enquanto este incorpóreo, enquanto isso que se incorpora. Outrossim, permaneceríamos com a asserção segundo a qual a causa primeira do sujeito é mesmo o S1.

Uma lacuna entre a causa e o efeito já havia sido apresentada a nós, por Lacan, no seminário sobre *A angústia*. Ao conceber o objeto *a* e seu resgate de uma noção de causa para a psicanálise ele afirmou que o objeto *a* é causa de desejo. O efeito seria, então, o desejo. Porém, o desejo, enquanto efeito, é um efeito que em nada se efetuou. O desejo situar-se-ia como uma falta de efeito. A causa pressupõe efeitos, mas é justamente neste ponto em que o efeito lhe falta, que poderíamos situá-la. Outra torção em relação às clássicas concepções de causalidade pode ser encontrada em seu seminário seguinte, sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Ali ele retomou a frase aristotélica *ablata causa tollitur effectus*, manteve a causa no singular (a ausência da causa, a causa enquanto ausência) e colocou a extinção do efeito no plural para dizer-nos, por uma subversão, que “os efeitos só se comportam bem na ausência da causa”.<sup>21</sup>

Neste *Seminário – livro 11* Lacan voltou à sua concepção de causa para enfim depurá-la. Ele fez algumas referências, por vezes malogradas, mas sempre embaraçosas tentativas filosóficas de conceitualizar a causa. Remeteu-nos aos textos kantianos *Ensaio para introduzir a noção de grandeza negativa* em filosofia e aos *Prolegômenos* para mostrar-nos que ali Kant deparou-se com o inanalísável do conceito e seu caráter de sobre, de hiância. Afirmou, igualmente, que por mais que Aristóteles tenha tentado equilibrar suas quatro causas, a saber, material, eficiente, formal e final e que o mesmo Kant a tenha inscrito nas categorias da razão pura, a causa não poderia ser daquele modo racionalizada.

A causa se distingue, com Lacan, da lei. Consequência imediata, a causalidade se distingue do determinismo. Fenda, buraco, tropeço, surpresa, rachadura, vacilação, descontinuidade, eis alguns dos termos escolhidos por ele para referir-se à causa. Conforme Lacan nos propôs, a causa seria justamente uma função. Apontou-nos, da mesma feita, que sobraria, nesta função, uma hiância. Ele o disse hiância causal e ainda acrescentou: a função de que se trata é uma **função do impossível**.

Lacan já havia afirmado que para continuar existindo causalidade (e não determinismo) seria preciso sustentar a hiância aberta entre a causa e o efeito. Onde essa hiância fosse preenchida, isso faria

<sup>19</sup> Lacan, *O Seminário*, livro

16: *De um Outro ao outro*

(1968-69/2008, p.71).

<sup>20</sup> *O Seminário*, livro 20:

*Mais ainda*, op. cit., p.196.

<sup>21</sup> Lacan, *O Seminário*,

livro 11: *Os quatro conceitos*

*fundamentais da psicanálise*

(1964/1985, p.124).

desaparecer a função de causa. Ele deixou claro, conforme apontamos, que não existiria causa que não implicasse hiância.<sup>22</sup> A causa seria, então, aquilo que aparece no espaço aberto entre a fala e o que ela afeta, no que faz o sujeito saltar em um ponto inesperado, mas que se situa até antes do momento de seu pouso. Nas formações do inconsciente, é aquilo que se estatela desde uma frase pronunciada. Na repetição, é o que instaura a dimensão da perda. Daí afirmarmos, com Lacan, que só “há causa para o que manca” ou que “entre a causa e o que ela afeta há, sempre, claudicação”.<sup>23</sup>

Em sua incursão pela definição do que seria a causa real, do campo da indeterminação do sujeito, portanto, Lacan, outrossim, nos deixou pistas do que denominou de introdução do significante no domínio da causa. Pois bem, em *Posição do inconsciente*, Lacan<sup>24</sup> deslizará sua pena para a questão da causa. Utilizando aquela referência às quatro causas da física aristotélica ele ali afirmou que o significante é a causa material do sujeito. Estabeleceu, então, uma relação entre esta materialidade significante e o modo de sua aparição em cadeia. Eis o que designou por *autômaton*, qual seja, um jogo combinatório que opera espontaneamente, não obstante seguindo a lei de determinação simbólica. Insistiu, quanto à causalidade, na assertiva que o Outro é, para o sujeito, o lugar de sua causa significante. Donde resulta que nenhum sujeito possa ser causa de si mesmo. O significante, desde o Outro, é a causa da divisão do sujeito, uma causa primeira. Dizemos S1, esta causa primeira.

Em *A ciência e a verdade* Lacan<sup>25</sup> nos mostrou que a sua teorização sobre o significante como causa material é compatível com o materialismo histórico e que ali restaria um furo. A teoria do objeto *a* encontraria, deste modo, seu lugar e tornar-se-ia necessária para uma integração correta da **função** da causa. Note-se que o objeto *a* enquanto causa é chamado para que seja possível uma articulação sobre a causação do sujeito. Por isso afirmamos que a causação do sujeito se dá por duas vias — uma material, o significante; outra real, o objeto *a*. O Falo (S1), enquanto o primeiro significante, e o objeto *a* estão ambos implicados nestas operações. Estão implicados, possuem certa homologia quanto a seu não-senso, mas, adiantemos, não são o mesmo e sustenta-se a disjunção de ambos como uma operação analítica. Em *Mais, ainda*, Lacan enfatizou, também, a importância de se sustentar a lacuna que há entre o Um do significante e “algo que se prende ao ser e, por trás do ser, ao gozo”.<sup>26</sup>

A localização do significante (em sua separação de qualquer significação) enquanto causa material do sujeito igualmente representa um importante passo de Lacan em relação ao determinismo. Desta feita, parece-nos relevante pontuarmos as elucubrações de Lacan em seus avanços acerca do significante enquanto causa de gozo, isto em seu *Seminário – livro 20*. Ele afirmou, nesse seminário, que não

<sup>22</sup> Lacan, *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-63/2005, p.310).

<sup>23</sup> *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, op. cit., p.27.

<sup>24</sup> Lacan, *Posição do inconsciente* (1960-64/1998).

<sup>25</sup> Lacan, *A ciência e a verdade* (1966/1998).

<sup>26</sup> *O Seminário*, livro 20: *Mais, ainda*, op. cit., p. 14.

haveria realidade pré-discursiva e que a causa do gozo seria o significante. Retomou, para isso, as mesmas quatro causas da Física aristotélica. Conforme já havia proposto, principalmente em seu artigo *Posição do inconsciente*, situou o significante enquanto causa material. Não haveria gozo, não haveria parte do corpo sem o significante. Enquanto causa final, o significante seria, também, aquilo que põe termo, “aquilo que faz alto ao gozo”.<sup>27</sup> O significante seria, a um só tempo, a causa material do gozo e aquilo que limita o gozo. Limitar o gozo, diz-nos Lacan, eis a eficiência significante. A causa formal relativa ao significante, Lacan articulou à gramática, àquilo “que faz a passagem de um sujeito à sua própria divisão no gozo”.<sup>28</sup> Gramática que estaria diretamente ligada à forma, à letra, à sintaxe.

Permanecendo em seu *Mais, ainda*, podemos lembrar o que Lacan disse sobre a relação entre o corpo, o simbólico e o real: “o gozar de um corpo, de um corpo que, o Outro, o simboliza”.<sup>29</sup> Ele estava então introduzindo a noção de substância gozante, a substância do corpo vivo, de um corpo que comporta um *isso goza*. E então, ele continuou, “isso só se goza por corporizá-la de maneira significante”.<sup>30</sup> Enfim, ele situa o significante, causa de gozo, “no nível da substância gozante”.<sup>31</sup> O significante, no nível da substância gozante, causa a divisão no gozo, qual seja, a divisão: gozo fálico – gozo Outro. Deste modo, poderíamos nos arriscar a dizer que o significante em suas quatro dimensões (material, eficiente, formal e final) funda o mistério do corpo falante.

Quanto ao objeto *a*, isto que faz buraco na causação do sujeito, Lacan, em seu seminário sobre *A angústia*, havia proposto o termo *objetividade* para tratá-lo. Ele ali formalizou o objeto *a* e sua relação com o corpo, ou mais precisamente com os pedaços de corpo e com a carne. Neste seminário, para designar o que seria o corpo enquanto objeto *a*, o real do corpo, não redutível à imagem ou ao significante, Lacan se refere à libra de carne, à tripa causal, aos pedaços de corpo cedidos.

Ora, a libra de carne parece bem situar esse pedaço de corpo indiscernível que é o objeto *a*. Lembremos que no *Mercador de Veneza*, de Shakespeare, deparamo-nos com uma impossibilidade lógica posta pela dívida condicionada ao pagamento de uma libra de carne.<sup>32</sup> Shylock empresta dinheiro a Antônio a fim de ganhar com o pagamento de juros, sobretudo, a fim de cobrar-lhe uma libra de sua própria carne caso aquele (Antônio) atrasasse seu pagamento. Em júri os juízes decidem que Shylock poderia cobrar o que lhe era devido com a condição de retirar exatamente uma libra da carne de Antônio, nem mais, nem menos, e sem derrubar uma única gota de sangue. O valor, uma libra de carne, tem peso preciso, entretanto, como contá-lo? Como mensurar isso que se torna indistinguível? A libra de carne é, justamente, um pedaço de real, um impossível.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p.36.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p.37.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p.35.

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> *Ibid.*, p.36.

<sup>32</sup> *O Seminário*, livro 10:

*A angústia*, op. cit., p.139;

Shakespeare, *O mercador de*

*Veneza* (1990).

Podemos, então, resgatar uma referência de Lacan que encontramos em *O Sinthoma*, e que nos permite cernir algo do corpo enquanto real. Ele ali deixou marcado que o real “é sempre um pedaço, um caroço”.<sup>33</sup>

Como vimos, Lacan frisou, em sua noção de causa real, a importância da lacuna, da hiância, daquilo que claudica. Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* ele localizou nesta mesma hiância causal o núcleo da estrutura inconsciente, marcando uma diferença em relação ao inconsciente freudiano. Posteriormente ele iniciou seu *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11*, de 1976, com uma preciosa asserção que pode muito bem nos reenviar ao âmbito dessa causa real. Escreveu Lacan<sup>34</sup> que, quando o espaço de um lapso não produzir mais qualquer efeito de sentido, apenas então ter-se-á a certeza de se estar no inconsciente, ou seja, consigo. A causa real, pertinente ao objeto real, objeto *a*, encontra-se, justamente, nos intervalos esburacados entre os significantes. Nos interditos. No ponto de *non-sense* que separa uma manifestação do inconsciente (sonhos, lapsos etc.) de seu sentido. A causa real, posta no objeto *a*, implica o vazio de sentido, em uma negação que subsiste, conforme Lacan nos sugere em *Mais, ainda*, pela “apreensão experimentada da inexistência”.<sup>35</sup> Consubstancialmente, implica algo do ser, do consigo. Dizemos, então, que na hiância há algo do ser. E é por isso que Lacan marca, desde seu *Seminário 11*, que haveria algo ali da função do ser, ainda que, como ele mesmo destacou, o “estatuto do inconsciente, no plano ôntico, seja ético”.<sup>36</sup>

O consigo, este “estar aí” do objeto real nos traz a discussão em relação a certo “ser-aí” do objeto *a* que, por sua vez, contrapõe-se à evanescência do sujeito (sujeito este que não é causa de si). O ser de que se trata, quando falamos deste objeto real que é o objeto pequeno *a*, é um parecer, um vazio de ser. E isso marca um ser sem “ontotautologia”, conforme destacou Lacan<sup>37</sup> em seu *Posfácio ao Seminário 11*. O ser de que se trata não é, portanto, um ser do “ser enquanto ser” da ontologia aristotélica. Este ser-aí, esvaziado em uma análise, este vazio de ser, portanto, é absolutamente singular. Conforme ele havia anunciado em *Radiofonia*, o objeto *a* é somente “dedutível conforme a psicanálise de cada um”.<sup>38</sup>

E por fim, para realizarmos algum enodamento entre o corpo, a causa e nossa práxis, articulemos os dois primeiros termos às categorias modais que Lacan subverte de Aristóteles, a saber, o necessário, o contingente, o possível e o impossível, o que nos encaminha diretamente àquilo que nos orienta na clínica.

Pois bem, se S1, essa marca material extraída do corpo incorpóreo e que é fundamental à causação do sujeito, se S1 é esse não senso que pela contingência se escreve (que cessa de não se escrever) e, ao se escrever, não mais cessa de se escrever (vide necessário), desse

<sup>33</sup> *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma*, op. cit., p.119.

<sup>34</sup> Lacan, *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11* (1976/2003).

<sup>35</sup> *O Seminário*, livro 20: *Mais, ainda*, op. cit., p.198.

<sup>36</sup> *O Seminário*, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, op. cit., p.37.

<sup>37</sup> Lacan, *Posfácio ao Seminário 11* (1973/2003).

<sup>38</sup> *Radiofonia*, op. cit., p.412.

modo podemos seguir um trecho do *Seminário 23* em que Lacan afirmou que o Um é mesmo aquilo que não cessa de se escrever do *sinthoma*. Haveria, portanto, nesse S1, neste S índice 1 como Lacan o designa em *O Sinthoma*, uma articulação entre o contingente e o necessário. Ora, é também fundamental podermos notar que no fim de uma análise a extração desse escrito dá-se justamente por sua redução ao não-senso. E isso via contingência.

Em *Mais, ainda*, Lacan disse que o necessário está conjugado com o impossível. E o impossível nos traz de volta a causa real, real que, sublinhemos, é irreduzível à simbolização. Afirmamos, assim, que o real diz respeito a um tipo de ausência que o simbólico não supre. O simbólico o bordeia. O imaginário faz vestes, faz casca, faz saco, faz o “corpo pele”. Mas o real não é o corpo imagem, nem surge como representação: “o real como tal consiste em não se ligar a nada”.<sup>39</sup> Conforme Lacan relembra em *O Sinthoma*, o real é sempre um pedaço, um caroço: o objeto *a*, este corpo real. O impossível, por não cessar de não se escrever, abre-nos uma apreensão experimentada da inexistência. A presença de um vazio, de uma ausência irreduzível. E isso indica-nos uma orientação, conforme Lacan sustentou novamente em *O Sinthoma*, uma orientação que “não é um sentido”,<sup>40</sup> mas uma “orientação do real”.<sup>41</sup>

O sentido, por sua vez, pode referir-se ao possível. Recordemos, neste ponto, três passagens de Lacan. A primeira, em *Radiofonia*, quando ele afirma que não há universal que não seja possível. A segunda, em *O Sinthoma*, quando se refere à castração como possível. E a terceira, em seu *Seminário 24*, quando Lacan nos diz sobre a relação entre o significado e o possível, afirmado que o significado cessará de se escrever.<sup>42</sup>

Em relação à castração e à lei do desejo dizemos, em certo consenso, que a falta-a-ser não é condição suficiente para fazer girar um tratamento analítico até sua conclusão. Não obstante, este possível não está fora do final de uma análise. Mesmo porque servimo-nos dele justamente para podermos ir mais além.

Enfim, situamos S1 em uma contingência que se enlaça ao necessário. Poderíamos, nesta toada, indicar um caminho conjugado àquele: do possível da castração ao impossível, a um impossível acuado de tal forma que a impotência (da fantasia) possa mudar de modalidade. No final de uma análise: algo não-todo escrito. S1 e *a* e toda claudicação que entre um e outro se mostra.

<sup>39</sup> *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma*, op. cit., p.119.

<sup>40</sup> *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma*, op. cit., p.117.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p.118.

<sup>42</sup> Lacan, *O Seminário*, livro 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-77, aula de 14 de dezembro de 1976).

## Referências bibliográficas

- LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. (1960-64). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 10: *A angústia* (1962-63). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. (1966). A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*, livro 16: *De um Outro ao outro* (1968-69). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. (1970). Radiofonia. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*, livro 20: *Mais, ainda* (1972-73). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. (1973). Posfácio ao Seminário 11 In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. (1974) *A terceira*. Inédito.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*, livro 23: *O sintoma* (1975-76). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.
- LACAN, Jacques. (1976). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*, livro 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-77). Inédito.
- SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- SOLER, Colette. A psicanálise e o corpo no ensino de Jacques Lacan. *Caderno de Stylus*. Rio de Janeiro, n.1, pp. 64-91, 2010.
- ZIZEK, Slavoj. Le devenir-lacanien de Deleuze. In: IANINI, G., ROCHA, G.M., PINTO, J.M., SAFATLE, V. (Orgs.): *O tempo, o objeto e o avesso: ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

## Resumo

Este texto busca articular corpo, causa e clínica. O corpo é tratado desde os seus registros real, simbólico e imaginário. A causa, em contraposição à determinação, é abordada por sua vertente significante (material, eficiente, final e formal) e por sua vertente real, aquela do objeto pequeno a. Estes dois primeiros termos se encontram desde o início de uma análise marcando uma orientação que, conforme Lacan enfatizou em seu ensino, é uma orientação do real. Desta feita, procura-se mostrar a importância da hiância causal, do corpo real e do fora de sentido na práxis psicanalítica.

## Palavras-chave

Causa, corpo, real, significante, objeto a.

## Abstract

This work articulates the notions of body and cause in psychoanalytical experience. The body is treated from its orders of the real, the symbolic and the imaginary. The cause, in contrast to the determination, is approached by the signifier (material, efficient, final and formal) and its real part (object little-a). As Lacan has given much emphasis in his teaching, the body and the cause indicate the psychoanalytical experience direction to the real. This paper attempts to show the importance of causal gap and the real body in psychoanalytic praxis.

## Keywords

Cause, body, real, signifier, object little-a

## recebido

08/07/2010

## aprovado

08/09/2010